

A GUERRA E AS OLIMPÍADAS EUROPEIAS

Por Gabriel Camilli*



Anéis olímpicos na praça Trocadero, com vista para a Torre Eiffel, em Paris (AP).

A primeira defesa de um Estado é a confiança em sua identidade nacional, espiritual e histórica; portanto, de que serve a OTAN se seus líderes não acreditam nos valores ocidentais tradicionais? O que vão defender, a descriminalização da maconha?

Em nosso primeiro artigo [A Fortaleza e a Força](#), de 26 de fevereiro de 2022, escrito com o dr. Pablo Antonio Anzaldi, dissemos: “*Não há lideranças nos países da OTAN que tenham um compromisso real com os valores e interesses ocidentais, como aqueles que Putin tem com os valores e interesses russos, e aqueles que Xi tem com os valores e interesses chineses. Ou será que alguém pode acreditar que o surgimento das teorias pós-modernas e desconstrutivistas – ataques aos valores ocidentais, à ideia de pátria, à família, à história, ao cristianismo, etc. Que ninguém se deixe enganar. O primeiro escudo defensivo de um Estado é a confiança na sua própria identidade nacional, espiritual e histórica. A fortaleza é uma virtude, a força é uma consequência. Para que servem os arsenais da OTAN se os líderes não acreditam nos valores ocidentais tradicionais? O que eles vão defender? A descriminalização da maconha? A perspectiva russa é diferente e oposta. Nos anos 1990, a queda da URSS significou a independência de quase 20 repúblicas, das quais a Polônia, a Hungria, a República Tcheca, os três países bálticos, etc. Aderiram à OTAN, uma aliança induzida pelo complexo militar-industrial norte-americano que tem a Rússia como inimigo estratégico. Porque, com efeito, a queda do Pacto de Varsóvia pró-soviético não teve sua contrapartida simétrica no Ocidente. A expansão da OTAN para o leste tem sido questionada diplomaticamente pela Rússia há mais de uma década. Mas o Ocidente pós-moderno não tinha nem a capacidade intelectual para compreender e nem a sagacidade diplomática para negociar.*”

A ÚLTIMA CEIA DA EUROPA

Depois de dois anos e meio vemos que a OTAN apenas fornece meios, alguns mercenários e o combate deve ser travado pelos ucranianos, em uma guerra longa, desgastante e sem restrições.

Como expressamos repetidamente nesta coluna, observamos o declínio da sociedade opulenta. E depois de ver o espetáculo vulgar e trivial que foi apresentado ao mundo inteiro sob o falso título de cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, podemos dizer sem hesitação que é “a última ceia da Europa”.

A zombaria do Cristianismo e da sua civilização através da paródia da “Última Ceia” é apenas o último episódio de uma série imparável de espetáculos repugnantes impostos ao público dos vários meios de comunicação de massa.

O objetivo é claro: destruir tudo o que é bom, varrer o velho mundo e estabelecer outro, dominado pelo feio, pelo deformado, pelo grotesco, pelo indefinido. As elites – políticas e econômicas e seus servidores “culturais” – não perdem a oportunidade de desferir novos golpes no cadáver da Europa e do Ocidente, de zombar de uma tradição espiritual anêmica sem mais defensores, a começar pelas hierarquias religiosas covardes, provavelmente ateias.

ALGUÉM ACREDITA QUE ESTA SOCIEDADE OPULENTA VAI DERRAMAR UMA GOTTA DE SANGUE PELA UCRÂNIA?

A França oficial (a pomposa e frágil República) mostra quão grande é o ódio que sente pela tradição cultural e espiritual da (antiga) nação que governa. Nenhuma neutralidade religiosa: apenas ódio contra aqueles que moldaram um milênio e meio da história francesa. A fácil conformidade do ódio de si mesmo, a compulsão (ou luxúria) de destruir, ou melhor, como os franceses amam o *esprit de finesse*, de “desconstruir”, o mal francês que vem da margem esquerda dos intelectuais (Sartre, de Beauvoir, Deleuze, Derrida, Guattari, Barthes, Foucault) atravessou o oceano, forneceu munção às correntes mais sombrias da nossa América e agora regressa à Europa para varrer o que dela resta.

Não podemos deixar de apontar, como contrapartida, a expressão escrita e pública que surgiu em 2022 de “valores tradicionais na Rússia” onde são declaradas as orientações morais e ideológicas historicamente pertencentes aos cidadãos da Rússia. A definição dos valores tradicionais, bem como a política para a sua preservação e fortalecimento, foram aprovadas pelo decreto do presidente Vladimir Putin, “*Sobre a aprovação dos Fundamentos da Política de Estado para a Preservação e Fortalecimento dos Valores Morais e Espirituais Tradicionais Russos*”, datado de 9 de novembro de 2022. “*Os valores tradicionais são diretrizes morais que formam a visão de mundo dos cidadãos russos, transmitidas de geração em geração, subjacentes à identidade cívica de toda a Rússia e a um espaço cultural único do país, fortalecendo a unidade cívica, que encontraram sua único e original manifestação no desenvolvimento espiritual, histórico e cultural do povo multinacional da Rússia.*”

IDENTIDADE NACIONAL

Repetimos para sublinhar: *“O primeiro escudo defensivo de um Estado é a confiança na sua própria identidade nacional, espiritual e histórica. A fortaleza é uma virtude, a força é uma consequência.”*

O mais renomado teórico militar, Karl von Clausewitz, aborda a questão da guerra definindo-a como *“um ato de força para forçar o inimigo a fazer a nossa vontade”*, do que se conclui que a guerra é, acima de tudo, um *“violento choque de forças”*. Vemos assim a preponderância do elemento moral da *“vontade de lutar”* sobre todos os outros elementos materiais (armas, equipamentos, tecnologia, etc.) que, embora desempenhem um papel importante no decorrer da guerra, nada mais são do que *“ferramentas”* que visam aumentar a força moral dos exércitos.

Tal como os seres humanos, os exércitos são entidades animadas constituídas por duas dimensões: uma material composta por elementos tangíveis como homens, armas, equipamentos, etc., e uma subjetiva, composta por elementos intangíveis como o moral dos seus soldados, o espírito de corpo, a mística, a disciplina, etc. Por isso falamos sobre a força material e a força moral dos exércitos. O primeiro deles dispensa maiores elaborações, pois avaliá-lo é um simples exercício matemático. A segunda, ao contrário, é muito mais complexa dada a dificuldade de avaliá-la.

DUAS DIMENSÕES

Para tanto, convém lembrar que o elemento moral tem duas dimensões: uma moral que poderíamos chamar de *“ética”*, determinada por uma série de princípios e valores incutidos nas instituições militares como produto de sua própria cultura. É ela quem determina o comportamento geral do exército e de cada um dos seus homens em particular. A outra dimensão é o moral de combate, que se baseia na convicção e na fé do combatente na defesa de uma causa e se materializa na coragem individual e no espírito de corpo das unidades. Ambas as dimensões se complementam, dando aos exércitos maior ou menor força moral para a guerra.

Ora, a combinação da força material com a força moral é o que nos permite determinar a verdadeira força de um exército.

Wilfredo Pareto, pai da sociologia, assim se expressou: *“a decadência tem como principal sintoma o enfraquecimento dos sentimentos viris. Também desenvolve gostos depravados, leva os homens a buscarem prazeres novos e estranhos. Entre estes há um que aparece com frequência, em tempos de declínio. Sente-se um desejo agudo de se rebaixar, de se degradar, de zombar de tudo que antes se acreditava ser respeitável.”*

O italiano Giulio Douhet reconheceu na sua teoria que o objetivo final da guerra não é a destruição física das forças armadas do inimigo, mas sim a sua vontade de lutar, afirmando que *“é claro que para vencer é preciso esgotar a resistência do inimigo antes que a sua própria desapareça e que os líderes militares percebam que é o moral elevado da população que fortalece as forças armadas, por isso*

recomendam que seus governos a construam tanto quanto possível” (ver Douhet, Giulio, [O domínio do ar](#)).

PARA TER EM CONTA

Devemos cultivar em nossa Argentina e em suas forças armadas virtudes como honra, lealdade, respeito, disciplina, coragem, magnanimidade, patriotismo e responsabilidade, pois forjam a identidade e o caráter tradicional de nosso povo. Estas diretrizes morais formaram a visão de mundo da nossa Iberoamérica e foram transmitidas de geração em geração. Desta forma poderemos estar sempre preparados para enfrentar situações muito exigentes e cumprir as exigências que o país impõe, de acordo com a missão institucional. Exemplo disso é o heroísmo dos soldados que participaram nas guerras que o nosso país teve que enfrentar ao longo da sua história, seguindo o espírito herdado da nossa tradição hispânico-católica há mais de 500 anos.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
